



O jornal diário dos ancepianos.
25 de março- 8h30

8º ENCONT SE CONSOLIDA COMO UM EVENTO ALTAMENTE TÉCNICO



O **8º ENCONT - Encontro Nacional dos Contabilistas de Entidades de Previdência** será realizado nos dias 1º e 2 de agosto, em Porto Alegre e, para o Presidente Roque Muniz, o fato de o evento ser uma realização conjunta da ANCEP e ABRAPP aumenta em muito a sua força e significado. Afinal, ele lembra, "são duas associações conhecidas por seus elevados padrões técnicos e por isso vistas como interlocutoras altamente qualificadas".

No entender de Roque, essa características inclusive ajuda a explicar o sucesso dos programas de eventos tanto de uma associação como de outra. É que "os nossos profissionais são muito bem preparados e sabem que na ABRAPP e na ANCEP podem encontrar programações que realmente adicionam conhecimentos".

Como extrai a sua força do poder somado de duas associações representativas de nosso sistema, que se combinam para realizá-lo, é de fato um palco privilegiado em que são debatidos os temas mais centrais na agenda dos profissionais, sendo que suas conclusões têm multiplicadas as suas chances de nos aproximar de fato dos objetivos perseguidos.

Ao mesmo tempo, por sua importância para a indústria turística do Rio Grande do Sul, o Convention e Visitors Bureau de Porto Alegre distribuiu comunicado para a mídia gaúcha chamando a atenção para a importância do evento.

E o **8º ENCONT** já tem o seu tema-central definido: "Contabilidade na Era Digital: Rompendo Fronteiras em um Mundo em Transformação". Também já foram anunciados os integrantes do grupo de trabalho que será encarregado de desenhar a grade temática e propor a programação do evento: . Evenilson de Jesus Balzer (Vice-presidente), Luiz Felipe Dutra Sousa (Diretor de Assuntos Corporativos), Maria Elizabete da Silva (Diretora Técnica), Edgar Silva Grassi (conselheiro), Geraldo de Assis Souza Júnior (conselheiro), Júlio César Medeiros Pasqualetto (conselheiro), Leila Mello (Petros) e Jose Edson da Cunha Junior (consultor da JCM&B). O GT irá se reunir em princípio no dia 4 de abril.

Daniel Lima renúncia à presidência da Petros

A Petros informou nesta sexta-feira (22) que seu presidente, Daniel Lima, renunciou seis meses após ter assumido o cargo, alegando motivos pessoais, noticiava em sua edição de sábado a **FOLHA DE S. PAULO**, a partir de um despacho da agência **REUTERS**. A notícia saiu também já na sexta-feira no **PORTAL TERRA** e no site da **REVISTA INVESTIDOR INSTITUCIONAL**. "Ainda não há definição sobre a substituição de Daniel Lima, que permanecerá exercendo suas funções à frente da fundação até 22 de abril", afirmou a Petros em comunicado.

Lima ingressou na Petros em outubro de 2017 como diretor de Investimentos e, em setembro passado, passou a acumular a presidência do órgão.

Bruno Dias assume interinamente o comando da Fapes

Bruno Dias, diretor de Segurança e Jurídico da Fapes, assumiu interinamente o cargo de diretor-superintendente da entidade, informa o **SITE DA FAPES**.

Ele substituiu Solange Vieira, que tomou posse na Superintendência de Seguros Privados (Susep).

Reforma da Previdência diante de novos obstáculos

A julgar pelo noticiário dos últimos dias e sua exposição nas mais diferentes mídias, fazer a reforma da Previdência chegar a bom termo não parece uma tarefa fácil. Pelo contrário, aparentemente as dificuldades só parecem crescer e não vamos tomar o tempo de nossos leitores requeitando notícias e análises que não trazem nada de novo, ao mostrarem, em resumo, o Presidente Bolsonaro entrincheirado em seu discurso de que não cederá à práticas da "velha política" e, na outra trincheira, o Presidente da Câmara, Rodrigo Maia, afirmando tratar-se de um "governo sem ideias, desarticulado e sem noção".

Em sua coluna em **O GLOBO**, o jornalista Lauro Jardim traz várias notas a respeito, mas na mais significativa, sob o título "baixou o pessimismo" diz que, "depois de tanta trapalhada, hoje o mercado financeiro acredita que não sairá mais uma reforma da Previdência de fato vigorosa. A aposta é num texto fraco".

Em **O ESTADO DE S. PAULO**, Sérgio Abranches, um nome muito respeitado entre os cientistas políticos, diz que passados quase três meses desde sua posse, o presidente Jair Bolsonaro não mostra forças para fazer uma "aglutinação" no Congresso, agravando a tensão entre Executivo e Legislativo. "Existe uma percepção de que coalizão é igual corrupção. Não é. O que está posto agora é ver como formar uma nova coalizão. Isso implica um projeto de governo bem articulado, um presidente que assuma a liderança disso e que queira formar maioria em torno de ideias que unam e não desunam."

Há também um artigo muito interessante na **FOLHA DE S. PAULO**, de autoria do sociólogo Demétrio Magnoli, difícil de resumir por sua complexidade. Em linhas gerais o texto defende a tese segundo a qual os problemas atuais seriam causados por um conflito cultural, enfim, diferentes visões do Mundo, tendo de um lado uma direita radical que entende como sua missão muito mais reformar os costumes do que a Previdência ou tornar a economia sustentável e, do outro lado, "liberais" e "globalistas" quase tão perigosos quanto os "petistas".

Num trecho importante do artigo Magnoli nota que o Ministro da Economia, Paulo Guedes, acalenta a doutrina do liberalismo econômico radical: o Estado Mínimo. Já Olavo de Carvalho, filósofo e "guru" de Bolsonaro, interessa-se apenas marginalmente por economia. A "revolução" dele também é um retorno, mas não ao Estado liberal do século 19 e sim a um passado mítico de soberanias estatais absolutas, hierarquias patriarcais fundadas na tradição e respeito às "liberdades naturais" do colono armado. Numa síntese rápida, a fusão do conservadorismo romântico europeu com o nativismo individualista americano.

A alt-right (direita dos EUA) difunde a tese de que os "liberais globalistas" estão associados aos "marxistas" numa conspiração mundial contra os povos. Nessa aliança fantasiosa, Paulo figura no primeiro grupo. A "revolução" de Olavo fuzilaria os liberais junto com os comunistas, se pudesse. a "revolução" de Olavo é uma "revolução permanente", uma guerra sem fim contra moinhos de vento, o que significaria uma entrega quase total aos conflitos e não à busca de algum grau de consenso.

A consequência da "revolução permanente" é a perene ingovernabilidade. Sacudido por crônicas guerras intestinas, o governo carece da coesão, da autoridade e da força persuasiva para formar maiorias parlamentares sólidas. O projeto da reforma previdenciária, ato inaugural da "revolução" de Paulo, corre o risco de ser tragado no vórtice da "revolução" de Olavo.

Difícil dizer se Magnoli está certo ou não, mas próximo da conclusão do texto ele observa que "a consequência da "revolução permanente" é a perene ingovernabilidade. Sacudido por crônicas guerras intestinas, o governo carece da coesão, da autoridade e da força persuasiva para formar maiorias parlamentares sólidas. O projeto da reforma previdenciária, ato inaugural da "revolução" de Paulo, corre o risco de ser tragado no vórtice da "revolução" de Olavo"